

Ameaça das Exportações Chinesas nos Principais Mercados de Exportações de Manufaturados do Brasil

Autores:

Célio Hiratuka – IE/UNICAMP

Fernando Sarti – IE/UNICAMP

Resumo

Este artigo realiza uma avaliação da ameaça das exportações chinesas às exportações brasileiras de produtos manufaturados nos países do Mercosul, da Aladi e do Nafta. Essa avaliação é realizada através de indicadores de market-share, de similaridade da pauta dos dois países e do grau de diversificação das exportações dos dois países nesse mercados. Procura-se, assim, verificar em que medida e em quais setores a concorrência chinesa com as exportações brasileiras é mais intensa.

Palavras-Chave: Exportações Brasileiras, China, Comércio Internacional

Abstract

This paper carries out an evaluation of the threat of the Chinese exports to the Brazilian exports of manufacturing products in the Mercosul, ALADI and Nafta countries. The paper uses the market-share and the index of similarity and diversification of exports structures of the two countries to make the analysis. The paper try, thus, to acces in wich region and sectors the Chinese competition with the Brazilian exportas is more intense.

Key-words: Brazilian Exports, China, International Trade.

Sessão Ordinária

Área 7: Trabalho, Indústria e Tecnologia

7.2. Economia Industrial e de Serviços

Ameaça das Exportações Chinesas nos Principais Mercados de Exportações de Manufaturados do Brasil

1. Introdução

Um dos fenômenos mais destacados na economia mundial no período recente tem sido a extraordinária expansão chinesa. Desde o final da década de 70, a economia chinesa não apenas tem sido a economia que tem apresentado as maiores taxas de crescimento do PIB no mundo, como também tem exercido impactos cada vez maiores na economia mundial.

Esses impactos podem ser sentidos em várias dimensões, porém, a influência sobre os fluxos de comércio é um dos aspectos que mais tem chamado atenção. As exportações da China cresceram a uma taxa 15,5% ao ano entre 1980 e 2005. Em termos de participação nas exportações mundiais, o *market-share* chinês aumentou de 1,1% em 1980 para 8,0% em 2006. Além do extraordinário aumento nas exportações, é possível destacar também a mudança na composição da pauta em direção aos produtos manufaturados. Considerando apenas os manufaturados, a participação da China nas exportações mundiais se elevou de 0,8% para 10,8% no mesmo período.

De fato, a China tem se consolidado como um dos principais produtores e exportadores mundiais de produtos manufaturados. Inicialmente essa inserção esteve fortemente baseada nas exportações de produtos intensivos em mão-de-obra, impulsionada pela difusão dos mecanismos de separação internacional das etapas produtivas e subcontratação internacional implementada pelas grandes empresas dos setores tradicionais, como têxteis, vestuário e calçados. Ao longo da década de 80, esse movimento englobou as atividades intensivas em montagem do complexo eletrônico. A partir da década de 90 a China se consolidou como líder mundial na exportação de vários produtos do complexo eletrônico, desde a eletrônica de consumo, passando por produtos do setor de informática e equipamentos telecomunicações, ao mesmo tempo em que passou a diversificar suas exportações, englobando um conjunto maior de produtos em sua pauta, tanto no complexo eletrônico, como também em outros setores industriais.

A consolidação da China como grande produtora e exportadora de produtos manufaturados com certeza cria desafios e oportunidades para todos os países, em

especial os países em desenvolvimento que possuem uma estrutura industrial relevante como é o caso do Brasil. Em termos de oportunidades, é importante lembrar que com certeza a expansão chinesa teve influência sobre o ciclo recente de expansão dos volumes e dos preços das *commodities* agrícolas, minerais e metálicas no comércio mundial. O Brasil certamente foi um dos principais beneficiados por esse movimento, que permitiu a geração de superávits comerciais recordes e a redução da vulnerabilidade externa de nossa economia. Vale lembrar ainda, que em que pese a forte valorização cambial, as exportações brasileiras de manufaturados, também foram beneficiadas pela conjuntura externa favorável. Além dos mercados europeu e norte-americano, alguns de nossos principais parceiros comerciais têm experimentado forte crescimento econômico com elevação de suas importações, também favorecidos pela expansão da demanda da China e seus efeitos sobre os preços internacionais de commodities. É o caso das exportações de manufaturados brasileiros para os países do Mercosul e restante da Aladi.

No entanto, se a China vem exercendo efeitos diretos e indiretos favoráveis sobre as exportações brasileiras, é verdade também que o fato dela ter se tornado uma exportadora relevante de uma gama cada vez maior de produtos manufaturados pode ser interpretado como uma ameaça importante. Com certeza essa é uma ameaça crescente para a produção industrial brasileira destinada ao mercado interno. Os dados de 2007 apontam para um déficit comercial de US\$ 1,8 bilhão no comércio com China, que já ocupa o segundo lugar entre os países de origem das importações brasileiras, com participação relativa de 10,5%.

Outro grupo relevante de ameaças está relacionado à entrada dos manufaturados chineses em mercados para os quais o Brasil é tradicional exportador. Essa ameaça torna-se ainda mais crível em um cenário de desaceleração ou recessão no mercado dos EUA, tornando as empresas chinesas ainda mais agressivas em outros mercados. Este artigo busca justamente analisar a concorrência entre Brasil e China em produtos manufaturados no Mercosul, no restante da Aladi e no Nafta, buscando avaliar em que medida o crescimento das exportações chinesas representa uma ameaça às exportações brasileiras. A avaliação dessa questão é realizada através de um conjunto de indicadores que busca basicamente comparar a estrutura das importações dos países pertencentes às regiões mencionadas acima provenientes do Brasil e da China.

Na seção 2, são utilizados os índices de similaridade da pauta de importação dos países de produtos provenientes do Brasil e da China, com o objetivo de avaliar até que ponto a pauta de exportações desses dois países para os mercados selecionados está ficando mais parecida no período 2000 a 2006. Um aumento desse índice pode indicar um grau maior de concorrência direta entre os dois países. Também é analisado um indicador de ameaça montado a partir da comparação dos *market-share* dos dois países nas importações dos países selecionados. Esse indicador busca quantificar os produtos onde, para um mesmo produto, destinado a um mesmo país, ocorreu aumento do *market-share* da China e perda de *market-share* do Brasil.

Na terceira seção do artigo realiza-se uma análise de *market-share* a partir de uma reagregação dos dados de comércio por produtos em setores de atividade, com o objetivo de avaliar quais setores sofreram mais com a competição chinesa. Finalmente, na última seção do artigo são realizadas as considerações finais.

2. Indicadores para o total do comércio de manufaturados

A preocupação com a concorrência das exportações de manufaturados provenientes da China com as exportações provenientes da América Latina começou a aparecer com mais ênfase na literatura sobre o tema a partir do início do século XXI. A percepção de que a escala da produção e exportações chinesas de manufaturados poderia causar impactos importantes sobre a região deu origem a um conjunto de artigos sobre o tema, onde se destacam principalmente Lall e Weiss (2007), Mesquita (2004) e Santiso et. all (2007).

Nesses estudos, a metodologia utilizada é a avaliação da similaridade das estruturas de exportação da região com a China e a análise dos *market-share* dos dois grupos de países. No caso do estudo realizado por Lall e Weis (2007), os autores destacam o fato da estrutura das exportações ser bastante diferente entre as duas regiões. Enquanto a China teria passado por um período intenso de mudança estrutural na pauta em direção a produtos manufaturados mais intensivos em tecnologia, a América Latina, com exceção do México, teria apresentado uma concentração muito maior em produtos primários e intensivos em recursos naturais. Dessa maneira, as diferenças nas estruturas das exportações das duas regiões seria um indicativo de que a concorrência com os países da América Latina no comércio mundial não seria muito intensa, com exceção

novamente do caso mexicano. Também o estudo de Santiso et. all (2007) aponta na mesma direção. Utilizando um índice de similaridade para medir o “*overlap*” entre as estruturas de 35 países, sendo 15 da América Latina, o autor conclui que, em geral, o grau de concorrência entre a China e os países da América Latina seria muito menor do que com outros países em desenvolvimento, com exceção do México. Para esse país, o índice de similaridade seria de 50% em 2004. O Brasil estaria em uma situação intermediária, com um índice de 0,32%.

Além da similaridade da estrutura das exportações, Lall e Weiss utilizam a metodologia de comparação de *market-share*, verificando em que produtos (SITC a 3 dígitos) a o aumento do *market-share* da China esteve relacionado com redução do *market-share* de países da América Latina (ameaça direta) ou onde o *market-share* da China aumentou em ritmo superior ao dos países da América Latina (ameaça indireta). Como destacado pelos autores, esse indicador não implica necessariamente causalidade, no sentido de que a perda de *market-share* tenha sido necessariamente ocasionada pelo aumento do outro. No entanto, permite ter uma visão geral da porcentagem do comércio onde se verifica algum grau de concorrência. Através dessa metodologia, os autores concluem que em 2002, 11,4% das exportações da região estavam sob ameaça direta e 28% sob ameaça indireta. No caso específico do Brasil, esses indicadores eram de 28,1% para a ameaça direta e 23,2% para ameaça indireta. Embora ressaltem que em geral, o grau de concorrência entre a China e os países da América Latina seja muito menor do que a verificada com outras regiões, como os demais países do Sudeste Asiático, os autores destacam justamente a dificuldade que o posicionamento da China pode colocar para a questão da melhora no perfil da pauta em direção a produtos com maior dinamismo no comércio internacional e com maior capacidade de geração de encadeamentos com os demais setores da economia.

Já a análise realizada por Mesquita (2004) por sua vez apresenta resultados similares aos observados por Lall e Weiss. No entanto, vale destacar que embora o autor também tenha encontrado que as estruturas das exportações das duas regiões, medida pela correlação entre os produtos presente na pauta, seja bastante diferente, ela tem aumentado a partir do ano 2000, revertendo a tendência distanciamento observada ao longo da década de 90. Também os indicadores de *market-share* mostram um aumento na competição entre os países a partir do ano 2000. Enquanto para o período 1990-1999, cerca de 0,5% da perda de *market-share* da América Latina foi atribuída ao aumento da

participação da China, em 2001 e 2002 esse índice aumentou para 1% e 2% respectivamente.

No caso desse artigo, a principal diferença em relação aos trabalhos citados anteriormente diz respeito ao fato de se trabalhar com os indicadores organizados por país de destino das exportações. Enquanto nos trabalhos citados a análise de *market-share* e de similaridade das estruturas de exportação são realizados de maneira agregada, neste trabalho os indicadores são detalhados por país importador, o que permite ter uma visão mais detalhada por região. Além disso, os dados analisados avançam até um período mais recente, cobrindo o período 2000 a 2006, envolvendo portanto o ciclo recente de crescimento do comércio mundial iniciado em 2003.

A tabela 1 mostra para o ano de 2006 o total das importações de diferentes regiões de produtos provenientes do Brasil. Como é possível perceber por essa tabela, o perfil das importações de produtos brasileiros é muito mais concentrado em produtos manufaturados no Mercosul, na Aladi e no Nafta do que na União Européia e na Ásia. Como destacado em Coutinho et. all (2003), enquanto as exportações para essas três regiões se caracterizam por uma participação maior de produtos manufaturados de média e alta intensidade tecnológica, nas exportações para a União Européia e para a Ásia, predominam as exportações de commodities primárias. Em conjunto, as três primeiras regiões representaram cerca de 65% do total das exportações brasileiras de manufaturados em 2006. Optou-se, portanto, em concentrar a análise nessas três regiões.

Tabela 1 - Importações de Regiões Seleccionadas de produtos provenientes do Brasil em 2006

Região	Importações CIF (US\$ milhões)		Import. Manuf. / Import. Totais (%)	Import. Manuf / Total Export. Brasil de Manufaturados (%)
	Totais	Manufaturados		
Aladi*	11.629,5	8.976,9	77,2	13,1
Mercosul	13.943,1	11.928,7	85,6	17,4
Nafta	36.596,8	24.064,6	65,8	35,2
UE (15)	33.411,2	11.202,8	33,5	16,4
Ásia**	12.909,6	3.220,8	24,9	4,7

* Exclusive Mercosul e México

** Japão, China, Tigres Asiáticos exceto Taiwan, Indonésia, Filipinas, Malásia e Tailândia.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comtrade.

Observando os indicadores de *market-share*, isto é, a participação de Brasil e China no total das importações de cada região, para os anos de 2000, 2003 e 2006, é

possível observar uma tendência de aumento de participação da China em todas as regiões (tabela 2).

No caso do Brasil, verificou-se também um aumento contínuo de *market-share* na Aladi, embora em ritmo menos intenso que o da China. Apesar do aumento em 2006, a China já era responsável por uma parcela maior das importações de manufaturados dessa região que o Brasil. No caso do Mercosul, a participação brasileira se elevou entre 2000 e 2003 - período marcado pela crise Argentina, o que resultou em redução nos fluxos de comércio da região - mas permaneceu praticamente estável, tanto para o comércio total quanto para o de manufaturados, entre 2003 e 2006, enquanto a China continuou aumentando sua participação. Ainda assim, em 2006, a participação do Brasil era bastante superior à da China. Finalmente com relação ao Nafta, apesar do aumento do *market-share* brasileiro, a participação do Brasil ainda é marginal, enquanto a China mantém uma posição elevada e crescente. Isso significa que nesta última região, a interpretação dos dados deve ser feita de maneira cautelosa, uma vez que a concorrência entre os dois países é menos direta. Ainda assim, cabe destacar que o Nafta constitui-se no principal mercado de destino das exportações brasileiras de manufaturados, superando a soma do Mercosul e restante da Aladi (US\$ 24 bilhões contra US\$ 21 bilhões em 2006).

Tabela 2 – *Market-Share* de Brasil e China nas Importações Totais e de Manufaturados da Aladi, Mercosul e Nafta.

Região	Brasil			China		
Total	2000	2003	2006	2000	2003	2006
Aladi	6,0	8,2	9,6	3,4	6,0	8,2
Mercosul	24,8	31,8	31,1	4,9	5,9	11,0
Nafta	1,0	1,4	1,4	7,1	10,8	14,3
Manufaturados	2000	2003	2006	2000	2003	2006
Aladi	6,8	8,9	10,4	4,3	7,7	11,2
Mercosul	24,9	32,5	32,5	5,8	7,1	13,2
Nafta	0,9	1,2	1,3	8,6	13,5	18,9

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comtrade.

Em uma primeira análise, a tendência de crescimento do *market-share* dos dois países parece indicar que a maior penetração chinesa nesses mercados não estaria afetando as exportações brasileiras, ou pelo menos não estaria sendo um entrave para o crescimento do *market-share* do Brasil. Entretanto, para conclusões mais precisas, é necessário um nível maior de desagregação por produto e por país, uma vez que o aumento ou redução das participações dos dois países concorrentes pode não necessariamente estar ocorrendo nos mesmos produtos e países.

Para uma análise mais detalhada, serão utilizados neste artigo 3 indicadores, todos calculados a partir da SITC, revisão 3, a 3 dígitos, agregação que engloba 260 produtos (158 produtos manufaturados). O primeiro deles consiste em um índice que mostra a similaridade das estruturas de importação dos países selecionados de produtos oriundos do Brasil e da China. O segundo índice mostra o grau de diversificação da pauta de importações dos países de produtos provenientes do Brasil e da China. Finalmente o último indicador compara a evolução do *market-share* dos dois países em cada produto e busca verificar em quais produtos existe ameaça direta ou indireta.

O índice de similaridade das estruturas de importação é igual ao índice de especialização utilizado em Santiso et. all (2007), porém desagregado para China e Brasil por país importador. O índice pode ser definido por:

$$I_s = (1 - \frac{1}{2} * |\sum a_{brit} - a_{cnit}|) * 100$$
, onde, para cada país importador, a_{brit} representa a participação das importações do produto i nas importações de produtos manufaturados do Brasil no período t , e a_{cnit} representa a participação do produto i nas importações de produtos manufaturados da China. Dessa forma, esse índice atinge valor 100 quando a estrutura das importações dos dois países for exatamente igual. Por outro lado, quanto mais próximo de 0, menor a semelhança em termos das estruturas de importações dos dois países. Quanto maior a similaridade das estruturas de importação, maior a tendência de uma competição acirrada entre os países exportadores para a região.

A análise dos índices de similaridade revela que nos países da Aladi a tendência é de aproximação nas estruturas de importação proveniente dos dois países, com exceção da Venezuela, que apresentou uma redução importante entre 2003 e 2006 (tabela 3). Por outro lado, nos países do Nafta, a tendência é de uma ligeira redução ao longo de todo o período considerado. Já no Mercosul, observa-se uma redução entre 2000 e 2003 e um pequeno aumento entre 2003 e 2006. Uma comparação entre as regiões permite observar que o maior grau de similaridade é na estrutura da Aladi, seguido de perto pela do Mercosul e, em menor grau, pela do Nafta.

Tabela 3. Índice de Similaridade nas Pautas de Importações Provenientes do Brasil e da China para Países e Regiões Seleccionadas 2000, 2003 e 2006

País/Região	2000	2003	2006
Bolívia	32,1	36,7	35,7
Chile	25,4	29,9	32,5
Colômbia	34,5	40,5	44,7
Equador	31,6	31,5	38,5
Peru	29,1	36,6	40,9
Venezuela	31,1	38,2	33,0
Média Aladi*	29,2	34,3	36,5
Argentina	37,0	35,4	36,4
Paraguai	24,0	21,6	17,3
Uruguai	38,0	36,7	36,0
Média Mercosul*	36,2	33,9	34,9
Canadá	28,9	28,4	25,0
México	24,2	22,7	25,5
EUA	34,5	34,8	31,5
Média Nafta*	32,9	32,3	29,8

* média ponderada pela participação de cada país nas importações do Brasil.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comtrade.

O índice de Grau de diversificação das importações de cada país é medido pelo inverso do índice de Herfindhal-Hirschman = $1/\sum a_i^2$, onde a_i representa a participação do produto i nas importações de produtos manufaturados provenientes do Brasil e da China. Um índice igual a 1 representa concentração total e quanto maior o índice, maior o grau de diversificação da estrutura das importações.

Tabela 4. Índice de Diversificação nas Pautas de Importações Provenientes do Brasil e da China para Países Seleccionados 2000, 2003 e 2006.

País/Região	Brasil			China		
	2000	2003	2006	2000	2003	2006
Bolívia	42,2	42,1	36,9	17,6	23,2	30,9
Chile	38,5	36,2	29,2	20,9	24,8	30,7
Colômbia	26,0	37,2	27,0	26,3	27,5	31,9
Equador	33,4	17,1	22,6	31,4	27,7	47,5
Peru	38,6	43,8	26,0	32,4	34,6	38,7
Venezuela	18,0	29,3	9,5	24,1	45,5	34,5
Aladi	47,5	47,6	28,3	28,4	34,2	41,4
Argentina	35,5	35,5	22,9	29,7	23,8	31,0
Paraguai	35,2	19,7	25,2	11,5	16,0	8,3
Uruguai	46,7	52,1	40,5	25,5	22,0	33,8
Mercosul	39,8	40,6	26,4	26,6	25,0	22,1
Canadá	22,7	20,1	12,2	26,2	27,3	26,3
México	9,1	5,5	9,6	28,5	13,5	14,6
EUA	19,1	20,8	31,5	21,7	22,7	24,5
Nafta	22,6	21,8	32,4	22,4	23,2	24,6

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comtrade.

A análise da evolução dos indicadores para as regiões Aladi e Mercosul mostra uma redução acentuada da diversificação da pauta de importação desses mercados com relação ao Brasil. Essa evolução é particularmente preocupante no caso da Aladi, pois o inverso é observado com relação às importações provenientes da China, que se tornaram crescentemente diversificadas. No caso do Mercosul, as importações provenientes da China também se concentraram, ainda que em menor grau que no caso do Brasil.

Em relação ao Nafta, principal mercado de exportações de manufaturados do Brasil, as tendências são inversas. A pauta de importação proveniente do Brasil diversificou-se, enquanto a pauta chinesa concentrou-se. No entanto, como observado no início do artigo, dadas as disparidades de *market-share* entre os 2 países (a participação chinesa é 15 vezes maior que a brasileira no Nafta), essa evolução positiva deve ser analisada com cautela. O maior receio aqui seria o efeito de uma desaceleração nas importações norte-americanas, forçando as empresas chinesas a compensarem parcialmente essa retração com maiores vendas para outros mercados como a Aladi e Mercosul, acirrando a competição com produtores locais e exportadores regionais. Até porque os mercados latino-americanos deverão ser fortemente afetados por uma retração ou recessão norte-americana.

Finalmente, o último indicador expressa a comparação direta da evolução do *market-share* de Brasil e China na pauta dos países importadores. Seguindo a metodologia utilizada por Lall e Weiss (2007), embora não possa ser estabelecida uma relação de causalidade direta, uma ameaça pode estar presente quando para um determinado produto se observa a queda de *market-share* do Brasil ao mesmo tempo em que se observa aumento do *market-share* da China no mercado importador. Essa seria a situação de ameaça direta. Um segundo tipo de ameaça, classificada como indireta, estaria presente quando os dois países apresentam aumento de *market-share*, mas a taxa de crescimento verificada na China é maior do que a do Brasil.

Para a construção do indicador, cada produto é classificado de acordo com os critérios acima para depois serem agregados. Essa metodologia, em relação aos dois indicadores anteriores, tem a vantagem de permitir observar o quanto da pauta em valor

está em situação de ameaça. Para efeitos de comparação, considerou-se a evolução do *market-share* entre 2000 e 2003 e entre 2003 e 2006¹.

Vale ressaltar que um dos problemas desse indicador é que, como se compara somente o crescimento do *market-share* de cada país, é possível que quando a China parte de um patamar muito pequeno de exportação, a taxa crescimento seja muito elevada, mesmo que ao final do período a participação da China no total importado pelo país/região ainda seja irrelevante. Para evitar esse problema e ter uma estimativa mais conservadora, optamos por calcular também o indicador considerando apenas os produtos no qual o *market-share* da China atingiu mais de 5% no período final.

Os resultados apontam um crescimento expressivo da ameaça direta chinesa em todas as regiões: Aladi, Mercosul e Nafta. Considerando o total dos produtos manufaturados, em 2003, apenas 17,1% do total importado por essas regiões do Brasil estavam sob ameaça direta (tabela 5). Em 2006, essa participação subiu para 37,9%, abarcando uma gama de produtos manufaturados que totalizaram US\$ 17,6 bilhões. Quando se considera também a ameaça indireta, o total de produtos ameaçados atinge 81% da pauta, em um montante de vendas externas de US\$ 37,6 bilhões. A análise por cada região permite observar que no caso da Aladi, a ameaça direta atinge mais de um terço da pauta de importação proveniente do Brasil, em um montante que superou US\$ 3,2 bilhões em 2006. Para o Mercosul, o indicador de ameaça direta teve uma taxa de crescimento ainda mais expressivo, saltando do patamar de 10,3% para 41,1%, abrangendo produtos que totalizaram importações provenientes do Brasil no valor de US\$ 5 bilhões em 2006. Para o Nafta, esse montante superou US\$ 9,4 bilhões e envolveu 37,4% da pauta em 2006, contra 19% em 2003.

¹ - No cálculo das taxas de crescimento, quando os países tinham *market-share* igual a zero no ano inicial e valor diferente de zero no ano final, o valor inicial foi substituído por um valor positivo próximo de zero para que o cálculo fosse possível e a informação não fosse perdida.

Tabela 5. Grau de Ameaça Chinesa aos Produtos Manufaturados* Brasileiros por Região e País Importador (em % e US\$ milhões) 2003 e 2006.

País/Região	2003		2006 (%)		2006 (US\$ milhões)	
	Ameaça direta	Ameaça Indireta	Ameaça direta	Ameaça Indireta	Ameaça direta	Ameaça Indireta
Bolívia	14,5	48,3	25,6	23,5	123	112
Chile	16,5	43,8	56,4	24,9	1.591	703
Colômbia	22,4	50,3	19,3	51,7	320	856
Equador	12,6	52,8	24,6	36,2	211	309
Peru	15,3	61,3	26,4	45,2	302	517
Venezuela	21,0	47,2	29,5	59,9	663	1.345
Aladi	17,4	48,9	34,9	41,8	3.209	3.843
Argentina	10,2	43,4	40,9	46,2	4.308	4.864
Paraguai	9,9	15,4	46,6	33,6	444	320
Uruguai	12,1	37,2	36,7	43,5	267	316
Mercosul	10,3	39,8	41,1	45,1	5.019	5.500
Canadá	19,2	27,4	30,5	26,9	578	511
México	6,2	75,2	42,7	37,6	1.989	1.750
Estados Unidos	21,8	47,5	36,7	45,1	6.865	8.426
Nafta	19,0	51,3	37,4	42,3	9.433	10.688
Total dos Países da Amostra	17,1	48,7	37,9	42,9	17.660	20.030

(*) Total dos produtos.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comtrade.

Tabela 6. Grau de Ameaça Chinesa aos Produtos Manufaturados* Brasileiros por Região e País Importador (em % e US\$ milhões) 2003 e 2006.

País/Região	2003		2006 (%)		2006 (US\$ milhões)	
	Ameaça direta	Ameaça Indireta	Ameaça direta	Ameaça Indireta	Ameaça direta	Ameaça Indireta
Bolívia	7,6	16,6	12,3	4,7	59	22
Chile	6,0	10,8	20,6	15,2	582	427
Colômbia	14,4	9,6	11,9	13,5	197	224
Equador	4,6	19,3	9,6	14,9	83	128
Peru	7,3	19,1	17,8	17,2	204	197
Venezuela	2,1	7,8	8,2	35,0	183	786
Aladi	7,1	12,6	14,2	19,4	1.307	1.784
Argentina	4,5	8,3	17,1	9,6	1.799	1.007
Paraguai	5,5	10,6	27,1	6,7	259	64
Uruguai	4,8	13,3	24,3	11,3	176	82
Mercosul	4,6	8,9	18,3	9,4	2.234	1.153
Canadá	9,2	10,3	15,5	9,8	294	187
México	1,9	7,1	9,5	15,0	440	698
Estados Unidos	13,8	11,7	22,6	33,2	4.221	6.209
Nafta	11,5	10,8	19,6	28,1	4.955	7.094
Total dos Países acima	9,5	10,7	18,2	21,5	8.497	10.031

(*). Considerou-se apenas os produtos cujo market-share da China é superior a 5%.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comtrade.

Quando se considera apenas aqueles produtos nos quais o *market-share* da China atingiu em 2006 mais de 5%, também observa-se uma tendência de forte crescimento da

ameaça direta, que salta de 9,5% em 2003 para 18,2% em 2006, atingindo vendas de US\$ 8,5 bilhões em 2006. Em termos de região, nessa simulação, como seria de se esperar, o indicador de ameaça direta é maior no Nafta do que no Mercosul, embora a ameaça direta tenha crescido muito mais nesse último mercado, saindo de um patamar de 4,6% da pauta em 2003 para 18,3% em 2006, envolvendo vendas de US\$ 2,2 bilhões.

3 - Análise Setorial

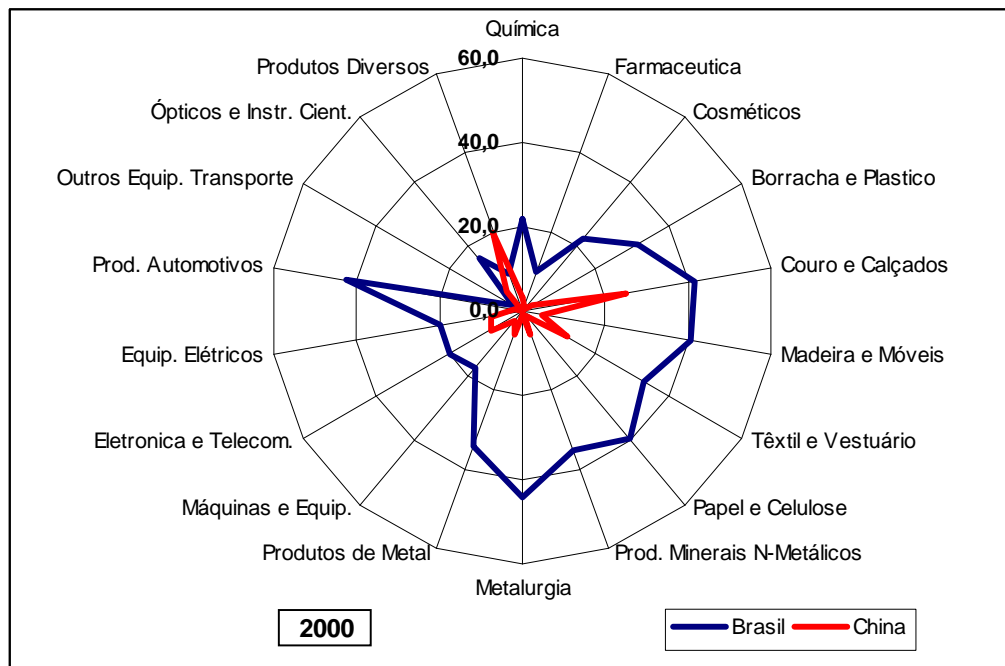
A seção anterior analisou a evolução da inserção chinesa *vis-a-vis* a inserção brasileira no total de manufaturas importadas pelos países do Mercosul, da Aladi e do Nafta. Nessa seção, realiza-se uma avaliação do desempenho relativo desses dois países nessas mesmas regiões, porém através de uma reagregação dos produtos em 18 setores industriais, de maneira a avaliar em quais setores a competição entre os dois países tem ocorrido de maneira mais intensa em cada região.

Considerando em primeiro lugar a competição no Mercosul, como foi observado anteriormente, considerando o total das importações, tanto o *market-share* do Brasil quanto da China tiveram aumento expressivo no período 2000-2006. Ao mesmo tempo, observou-se que o nível de ameaça direta elevou-se bastante, seja considerando o total dos produtos manufaturados, seja considerando aqueles produtos onde a china já possui mais de 5% de *market-share*.

Analisando setorialmente, é possível verificar que para a China, a elevação do *market-share* entre 2000 e 2006 foi a regra para todos os setores analisados. Ou seja, a China aumentou sua participação nas importações dos países do Mercosul em todos os setores, o que confirma a generalização do aumento das exportações chinesas. No caso do Brasil, embora a maior parte dos setores tenha apresentado aumento, o *market-share* reduziu-se em 5 setores (Couro e Calçados, Madeira e Móveis, Produtos de Metal, Eletrônica e Telecomunicações e Equip. de Instrumentação Científica). Em todos esses setores, mas em especial, nos setores de Couro e Calçados e Eletrônica e Telecomunicações, a penetração chinesa foi bastante acentuada, como pode ser observado nos gráficos 1 e 2. Nesses setores, pode-se inferir que grande parte dessa perda de *market-share* se deve à competição chinesa. Além disso, vale lembrar que nesses setores os chineses são líderes mundiais nas exportações.

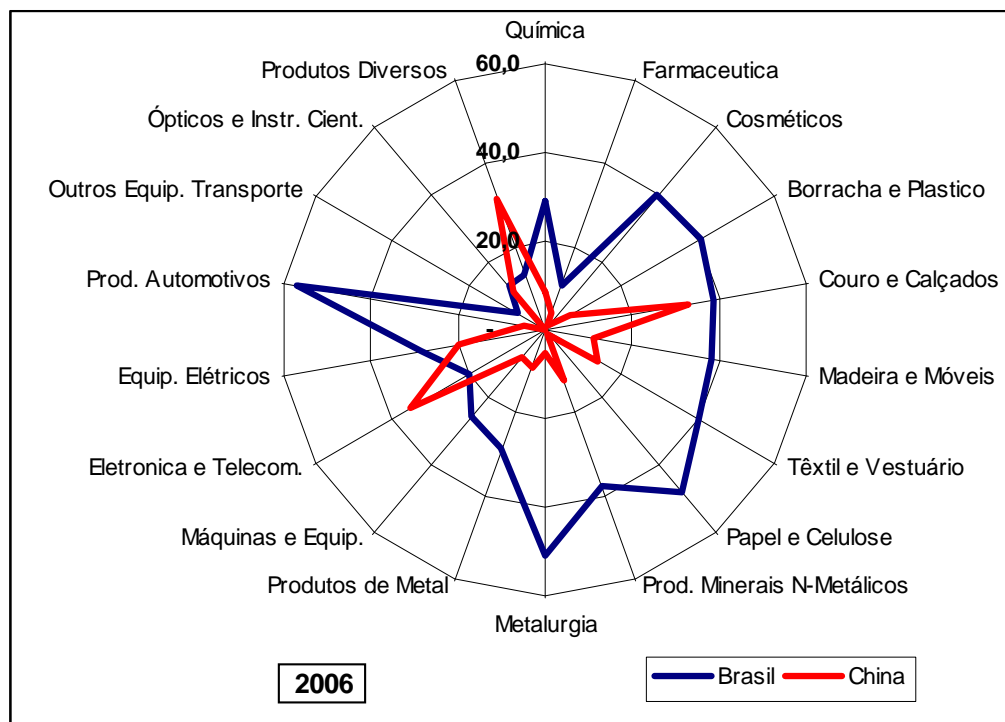
No caso dos calçados, enquanto em 2000, a participação chinesa era de 25,2% e a do Brasil de 41,5%, em 2006, o market-share chinês aumentou para 32,8%, ao passo que a do Brasil reduziu-se para 38,4%. No caso dos produtos eletrônicos e de Telecomunicações, a participação brasileira sofreu uma ligeira redução, de 20% para 19,2%, enquanto a participação chinesa aumentou de 9% para 34,9%. Vale observar ainda que enquanto nos calçados a participação no total exportado pelo Brasil para esses mercados representou apenas 1,6% do total dos manufaturados, no caso dos produtos eletrônicos representou 8,7% (Tabela A.I do anexo).

Gráfico 1 – *Market-Share* de Brasil e China nas importações de produtos manufaturados do Mercosul por setor industrial, 2000 (em %).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comtrade.

Gráfico 2 – *Market-Share* de Brasil e China nas importações de produtos manufaturados do Mercosul por setor industrial, 2006 (em %).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comtrade.

Entre outros setores importantes para o Brasil, como o automotivo, químico e de máquinas e equipamentos, também deve-se destacar o aumento da participação chinesa. Porém nesse caso, a participação brasileira ainda é bastante superior, em especial no complexo automotivo, onde a participação brasileira atingiu cerca de 57% do total em 2006.

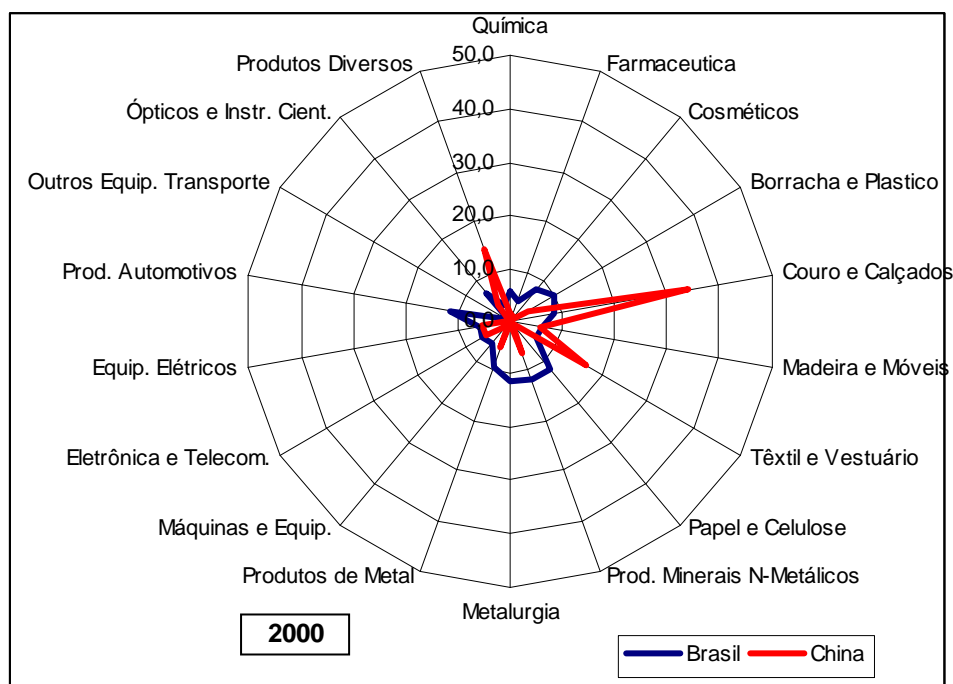
Observa-se, assim, que o esquema de preferência tarifária estabelecida pelo Mercosul tem mantido uma participação relevante do Brasil nas importações dos países da região. A maior penetração chinesa tem ocorrido em vários setores, mas ela é mais significativa em especial em setores onde a China vêm exercendo clara liderança mundial, como nos setores eletrônicos e de calçados.

No caso da Aladi, a análise realizada na seção anterior revelou que o aumento da participação chinesa ocorreu de maneira mais intensa, resultando em uma situação menos favorável ao Brasil do que a verificada nos mercados do Mercosul. Vale destacar que em setores tradicionais e intensivos em mão de obra, como Couro e Calçados, Madeira e Móveis e Têxtil e Vestuário, a China já possuía uma inserção importante em 2000. Essa inserção se acentuou bastante no período e em 2006, a China respondia por 51,8% das importações de produtos de Couro e Calçados, 18,% de Madeira e Móveis e 34,7% das importações de Têxteis e Vestuário. A participação do Brasil, nesses setores, por sua vez, teve ligeiro aumento em Couro e Calçados (8,4% para 8,7%), um aumento expressivo em Madeira e Móveis (6,0% para 12,5%) e uma redução no setor têxtil e de Vestuário (5,7% para 5,2%).

Em outros setores, porém, onde a participação brasileira era maior no começo do período, o ritmo mais acelerado da expansão chinesa acabou por tornar o market-share da China mais elevado do que o do Brasil em 2006. Isso ocorreu nos setores de Produtos de minerais não-metálicos, Produtos de Metal, Eletrônica e Equipamentos de Telecomunicações, Equipamentos Elétricos e Produtos Ópticos e de Instrumentação Científica (Gráficos 3 e 4 e tabela A.2 do anexo).

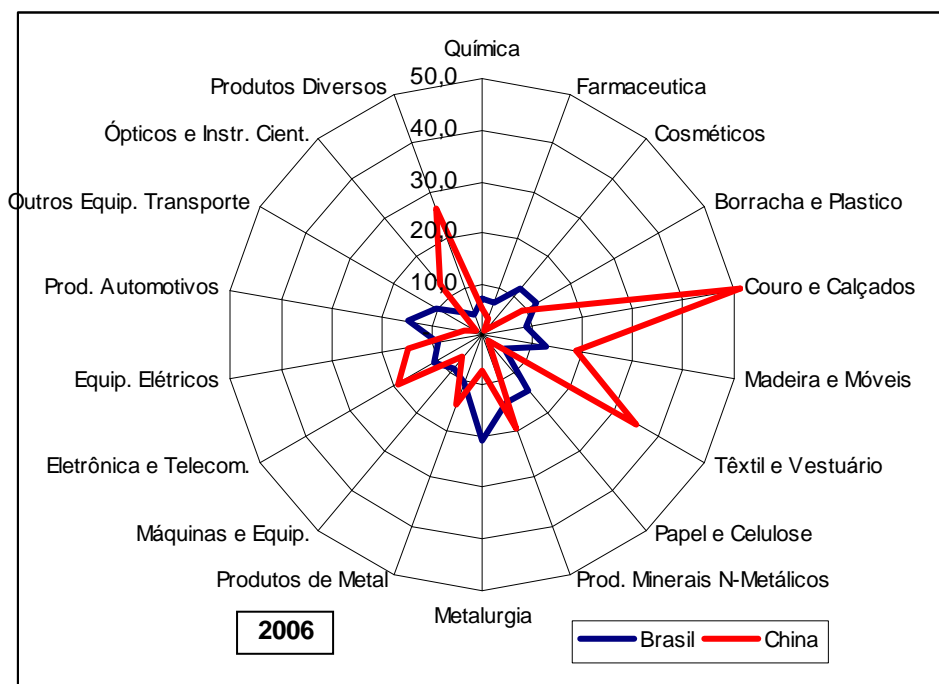
Deve-se destacar ainda, que em setores importantes na pauta brasileira de exportações para a região, como metalurgia e química, apesar da participação brasileira ainda ser superior ao da China, a taxa de crescimento chinesa foi bastante superior e a distância relativa reduziu-se bastante. Novamente, no caso do setor automotivo, que representou em 2006 20% do total exportado para a região, a ameaça chinesa parece ser menos intensa, na medida em que a participação chinesa era de apenas 3,5% em 2006.

Gráfico 3 – *Market-Share* de Brasil e China nas importações de produtos manufaturados da Aladi por setor industrial, 2000 e 2006 (em %).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comtrade.

Gráfico 4 – *Market-Share* de Brasil e China nas importações de produtos manufaturados da Aladi por setor industrial, 2000 e 2006 (em %).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comtrade.

Finalmente, analisando as informações para o Nafta, é possível verificar que, embora em geral a participação da China seja muito superior à do Brasil, ela ocorre de maneira muito concentrada em alguns setores. Essa concentração inclusive aumentou no período, como observado na seção anterior. Em termos setoriais destacam-se os setores de Calçados, Madeira e Móveis, Têxtil e Vestuário, Eletroeletrônicos e Produtos de Metal.

Ainda assim, vale destacar setores onde, a despeito do aumento da participação chinesa e da participação ainda marginal do Brasil, ocorreram aumentos relevantes. Do ponto de vista da importância na pauta brasileira podem ser destacados os setores Químico, Metalurgia, Máquina e Equipamentos e Produtos Automotivos. Desses setores, os dois principais são os setores Metalurgia e Máquinas e Equipamentos. No caso da Metalurgia, que representou 20% das exportações brasileiras para a região, a participação brasileira aumentou de 3,8% para 4,4% entre 2000 e 2006. No caso das Máquinas e Equipamentos, o *market-share* do Brasil elevou-se de 1,1% para 2,0% no mesmo período. Com relação ao setor automotivo, também se verificou um aumento importante, de 0,6% para 1,1%, embora nesse caso, a disputa com a China seja menos intensa.

Tabela 7 – Participação do Brasil e da China nas importações setoriais do Nafta, 2000 e 2006. Em %.

	Market-Share				Importância na pauta brasileira (2006)
Setores	Brasil		China		
	2000	2006	2000	2006	
Química	0,9	1,9	2,0	4,5	9,1
Farmaceutica	0,2	0,3	2,3	1,6	0,6
Cosméticos	0,7	0,6	2,5	5,0	0,3
Borracha Plastico	1,3	1,7	3,0	11,1	2,3
Couro e Calçados	5,5	4,0	52,8	67,4	5,3
Madeira e Móveis	1,3	2,3	18,8	38,1	5,4
Têxtil e Vestuário	0,4	0,5	12,1	28,6	2,3
Papel e Celulose	0,5	1,1	3,2	7,9	1,2
Prod. Minerais não metálicos	1,2	2,9	8,1	13,0	5,3
Metalurgia	3,8	4,4	2,2	7,0	20,0
Produtos de Metal	0,5	0,9	11,3	26,7	2,1
Máquinas e Equipamentos	1,1	2,0	2,4	7,9	18,0
Eletrônicos e Telecom.	0,4	0,3	11,6	39,4	3,0
Equipamentos Elétricos	0,2	0,3	6,5	17,9	2,2
Prod. Automotivos	0,6	1,1	1,0	2,2	13,4
Outros Equip. Transporte	5,4	6,1	0,4	1,8	7,1
Óptica e Equip. Instr. Cient..	0,3	0,3	7,2	10,4	0,7
Produtos Diversos	0,2	0,3	30,8	40,5	1,6

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comtrade.

Finalmente, vale destacar o setor Outros Equipamentos de Transporte, onde o Brasil têm participação importante em razão das exportações de aeronaves. Nesse caso a participação chinesa é marginal.

Considerações Finais

Do ponto de vista macroeconômico, a importância do desempenho exportador brasileiro está cada vez mais associado à sua capacidade de imprimir dinamismo à economia, que, por sua vez, depende crescentemente da demanda e investimento domésticos, e sim de assegurar a geração de superávits comerciais e contribuir para a redução da vulnerabilidade externa. A crescente inserção comercial chinesa no mercado brasileiro, mas também nos principais mercados de exportação do Brasil pode se constituir em uma ameaça crescente à manutenção de saldos comerciais favoráveis. Este artigo procurou avaliar essa ameaça, com foco nas exportações de manufaturados nos mercados da Aladi, Mercosul e Nafta.

A evolução do “indicador de similaridade” das pautas de importação das três regiões em relação ao Brasil e China sugere um acirramento da competição entre os dois países, isto é, observou-se uma convergência das pautas de exportação dos dois países para esses mercados, embora em diferentes escalas, o que os tornam concorrentes entre si.

O acirramento da competição pode ser identificado também nos indicadores de *market-share*, que apontam uma crescente “ameaça direta” chinesa às exportações brasileiras para a Aladi, Mercosul e Nafta, abarcando quase 40% da pauta de produtos manufaturados, o que representou mais de US\$ 17,7 bilhões em exportações em 2006.

No caso da Aladi, a presença chinesa em manufaturados já supera a brasileira. Além disso, em um número relevante de setores, a participação chinesa tem se aproximado, e muitas vezes superado a do Brasil, o que indica que nessa região, o risco de perda de mercado para os exportadores brasileiros de manufaturados é mais elevado. No Mercosul, onde o Brasil tem um *market-share* muito superior ao chinês, a ameaça direta e indireta chinesa vem crescendo de forma significativa. Apesar disso, ao contrário do caso da Aladi, o grau de concorrência é menos acirrado e concentrado em alguns setores específicos, até pela preferência comercial e pela proteção gerada pelo acordo regional.

No Nafta, o crescimento da ameaça foi menor, até porque o *market-share* chinês já era bastante elevado, 15 vezes superior ao brasileiro.

Por fim, a análise do indicador de diversificação apontou uma concentração crescente da pauta de importação do Mercosul e da Aladi em relação aos produtos brasileiros. A tendência é mais preocupante no caso da Aladi dado que se verifica uma tendência oposta para as importações provenientes da China. No caso do Nafta, o processo de maior diversificação das importações provenientes do Brasil pode ser em grande medida associado ao ainda baixo *market-share* brasileiro. Além disso, em um cenário realista de desaceleração da economia americana ou mesmo em um cenário pessimista de recessão, certamente haveria um acirramento da competição entre as exportações dos dois países, não apenas dentro do mercado dos EUA, mas também no Mercosul e Aladi.

A análise conjunto dos indicadores utilizados neste artigo demonstra que embora com níveis diferenciados por região e por setor, o grau de concorrência com a China nas exportações de manufaturados nos principais mercados brasileiro está aumentado e se tornando mais intensa. Em um cenário onde a taxa de câmbio do Brasil não parece dar sinais de desvalorização, pelo menos no curto prazo, é importante que a política comercial e industrial brasileira busque melhorar as condições de inserção nesses mercados, até porque, ao que tudo indica, a pressão da concorrência chinesa deve continuar aumentando.

Bibliografia

CEPAL. “Los efectos de la adhesión de China a la OMC en las relaciones económicas con América Latina y el Caribe”, in CEPAL, **Panorama de la inserción internacional de América Latina y el Caribe, 2002-2003**. Santiago de Chile: CEPAL. 2004

Coutinho, L., Laplane, M. e Hiratuka, C. (orgs.). **Internacionalização e desenvolvimento da indústria no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp. 2003.

Eichengreen, B., Rhee, Y and Tong, H.. The impact of China on the exports of other Asian countries. **NBER Working Paper**, 10768. 2004.

Lall, S. e Weiss, J. “China and Latin America: Trade competition 1990-2002”. In Santiso, J. (ed.) **The Visible Hand of China in Latin America**. Paris: OECD. 2007

Lall, S., Albaladejo, M. e Moreira, M. M. . Latin American Industrial Competitiveness and The Challenge of Globalization. **IDB-INTAL occasional paper**, n. 05. 2004

Markwald, R. Intensidade tecnológica e dinamismo das exportações brasileiras. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro: Funcex, n. 79, ano 8, abr./jun.

Moreira, M. M. Fear of China: is there a future for manufacturing in Latin América? **IADB Discussion paper**. August. 2004

Roland-Holst, D. An Overview of China's Emergence and East Asian Trade Patterns to 2020, **ADB Institute Research Paper** No. 44. 2002

Santiso, J, Blázquez-Lidoy, J. e Rodríguez, J. e. "Angel or Devil? China's Trade Impact on Latin American Emerging Markets ". In Santiso, J. (ed.) **The Visible Hand of China in Latin America**. Paris: OECD. 2007

UNCTAD. **World Investment Report: TNCs and export competitiveness**. United Nations, New York. 2002.

Yang, Y. China's Integration into the World Economy: Implications for Developing Countries. **International Monetary Fund Working Paper** WP/03/245. 2003

Anexo I

Tabela AI - Participação do Brasil e da China nas importações setoriais do Mercosul, 2000 e 2006. Em %.

Setores	Market-Share				Importância Na Pauta
	Brasil		China		
	2000	2006	2000	2006	Brasileira (2006)
Química	21,9	28,9	3,1	8,4	14,1
Farmacêutica	9,6	10,5	0,7	4,4	0,9
Cosméticos	22,4	39,0	0,7	1,1	1,7
Borracha Plástico	31,7	40,6	2,7	6,8	3,7
Couro e Calçados	41,5	38,4	25,2	32,8	1,6
Madeira e Móveis	40,5	37,9	4,8	11,1	1,1
Têxtil e Vestuário	33,3	39,9	12,1	13,7	4,3
Papel e Celulose	39,5	47,7	0,7	1,1	3,6
Prod. Minerais não metálicos	35,3	37,3	6,0	12,2	1,4
Metalurgia	44,1	50,7	1,1	5,4	7,5
Produtos de Metal	33,8	28,3	5,8	8,9	2,6
Máquinas e Equipamentos	17,9	25,7	3,0	8,0	12,0
Eletrônicos e Telecom.	20,0	19,2	9,0	34,9	8,7
Equipamentos Elétricos	20,0	28,2	7,6	19,7	5,2
Prod. Automotivos	42,3	56,9	1,9	4,5	29,0
Outros Equip. Transporte	2,7	7,1	0,0	0,1	0,4
Óptica e Equip. Instr. Cient..	16,1	12,7	6,2	10,8	0,9
Produtos Diversos	9,2	13,4	20,1	31,4	1,6

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comtrade.

Tabela AII - Participação do Brasil e da China nas importações setoriais da Aladi, 2000 e 2006. Em %.

Setores	Market-Share				Importância Na Pauta Brasileira (2006)
	Brasil		China		
	2000	2006	2000	2006	
Química	5,5	7,1	1,4	4,9	8,9
Farmacêutica	4,3	6,6	1,2	3,4	2,2
Cosméticos	8,0	11,8	0,2	0,9	2,1
Borracha e Plástico	9,4	12,3	3,6	9,0	3,4
Couro e Calçados	8,4	8,7	33,9	51,3	1,2
Madeira e Móveis	6,0	12,5	5,5	18,8	1,2
Têxtil e Vestuário	5,7	5,2	16,4	34,7	2,5
Papel e Celulose	11,5	13,9	0,5	1,7	3,4
Prod. Minerais N-Metálicos	11,6	14,0	6,2	19,5	2,0
Metalurgia	11,3	20,8	0,6	7,0	14,0
Produtos de Metal	8,9	10,3	5,4	14,4	2,8
Máquinas e Equip.	5,1	8,5	0,9	5,7	12,6
Eletrônica e Telecom.	6,0	11,0	5,4	19,3	13,6
Equip. Elétricos	5,5	8,6	5,2	15,0	4,3
Prod. Automotivos	11,3	14,9	0,8	3,5	20,6
Outros Equip. Transporte	0,6	10,0	0,4	1,2	2,3
Ópticos e Instr. Cient.	6,7	5,4	3,6	12,6	1,4
Produtos Diversos	2,9	4,2	14,2	26,2	1,6

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comtrade.